

O ENCERRAMENTO do congresso da J. U. C.



(Continuado da 1.ª página)

Cantorum do Seminário dos Olivais. Procederão ao ofertório do pão e do vinho os dirigentes da reunião universitária e da J. U. C. Foi em especial dedicada a estes elementos a homilia do prelado. Com a oferta — disse-lhes — participavam no misterio de Cristo. Os jucistas eram portadores do tesouro da vida infinita de Deus. Traziam o pão e o vinho que se haviam de transformar no corpo e no sangue de Cristo.

O antistite, em seguida, fez apelo aos universitários no sentido de seguirem os preceitos da vida regenerada, afinal, símbolo da vida humana, na sua plenitude e na sua perfeição. Afirmou-lhes, ao terminar, que servir a Igreja era servir Deus e cooperar no fenómeno da redenção humana. As ofertas iam ser colocadas no altar, para se realizarem os lemas do congresso — estar presente e servir a Igreja — e para haver mais clareza nas Universidades portuguesas, traduzida em luz de verdade.

Em seguida receberam a sagrada comunhão cerca de mil e quinhentos estudantes.

Terminado o pontifical, os rapazes e raparigas dividiram-se em três grandes grupos, que foram passear, respectivamente, pelo Tejo, a Cascais e a Sintra.

Na ultima sessão plenária, o sr. prof. Vaz Serra apresentou a tese «Universidade e Igreja»

A's 16 horas, efectuou-se a quinta e ultima sessão plenária de trabalhos, a que presidiu o sr. prof. Costa Pimpão, da Faculdade de Letras de Coimbra. A mesa tinha a mesma constituição das reuniões anteriores. Além de muitos mestres católicos, viam-se entre a assistência, que enchia completamente o vasto salão de máquinas do Instituto Superior Técnico, os srs. arcebispo-bispo de Coimbra, arcebispos de Milhena e de Cizico, e bispo do Porto. Foram lidos a resposta do Chefe do Estado ao telegrama de saudação que o congresso lhe enviara, telegramas de saudação da J. U. C. do Brasil e de outras entidades, e uma mensagem da direcção nacional da Juventude Católica e das direcções-gerais da J. A. C., J. E. C., J. I. C. e J. O. C.

Depois de apresentado, em termos altamente elogiosos, pelo presidente, o sr. prof. Vaz Serra, da Faculdade de Medicina de Coimbra, leu a tese de sua autoria — «Universidade e Igreja» — a qual foi frequentemente interrompida com prolongados aplausos.

Na primeira parte do seu trabalho, o mestre colmbrão estudou a natureza e a missão da Universidade, a que atribuiu o fim superior de educar. E afirmou:

«A Universidade tem de ser um organismo integrado na vida nacional. Compete-lhe ministrar conhecimentos e criar a consciência universitária; ao lado da informação, a formação; ao lado da instrução, a cultura; do realismo, o humanismo; da inteligência, a vida».

Mais adiante afirmou:

«A Universidade deve ser centro de formação do caracter e, por isso, deve naver nela vocação, juventude, rebeldia, generosidade, intransigencia, portuguesismo e catolicismo».

Seguidamente o relator disse:

«A Igreja é a cidade de Deus e nela residem três virtudes essenciais: a Verdade, a Moralidade e o Amor».

Depois de desenvolver estes pontos, afirmou:

«Segundo o mandato de Cristo — «Ide e ensinai» — a Igreja é obrigada ao dever de instrução e tem a sua pedagogia propria sujeita a duas condições: liberdade e vivencia em Cristo. No cumprimento desta missão de ensinar, como no de todas as suas outras missões, a Igreja conta com a oposição — como lhe foi prometido pelo seu proprio Fundador: «se vos envio como ovelhas no meio de lobos» — mas conta igualmente com a invencibilidade, fidei na promissa de Jesus Cristo: «Nem o inferno os vencerá».

Na ultima parte do seu trabalho, o sr. prof. Vaz Serra procurou os pontos de encontro da Universidade com a Igreja e, lembrando que ambas têm a missão de ensinar, afirmou, depois de várias considerações:

«A Universidade católica é uma necessidade do tempo presente. A religião católica não empana, antes lustra a Ciência».

Desenvolveu, seguidamente, o significado da intervenção da Igreja no terreno da instrução, esclarecendo que não é ingerencia, mas providencias.

E concluiu:

«Ao lado da Universidade católica, no sentido de tornar mais intimas as relações entre a Igreja e a Universidade, deve fomentar-se a criação de cursos de Deontologia e estimular-se a actividade de todos os universitários católicos no sentido de, em qualquer posto, darem conta edificante do espirito da doutrina de que são portadores».

No final do seu trabalho, o autor da tese ouviu demorados applausos. Referindo-se á tese e ás suas conclusões, o sr. prof. Costa Pimpão classificou-a de esclarecedora. O trabalho, afirmou, valia como notável afirmação da presença na reunião da consciência católica.

Devido ao adiantado da hora, não foi possível apresentar a comunicação do dr. Luis Archer, licenciado pela Faculdade de Filosofia de Braga, subordinada ao tema «O papel da Filosofia entre a especialização científica e a síntese universitária», assim como os resumos e conclusões de mais quatro trabalhos sobre assuntos relacionados com a tese da tarde.

A sessão de encerramento

A entrada do sr. Cardeal Patriarca no salão, por sobre as cabeças de estudantes, que abriam alas á sua passagem, foi sublinhada com demorada salva de palmas. O antistite tomou a presidência da sessão de encerramento. Na mesa tomaram lugar os srs. arcebispo de Milhena, presidente do Accção Católica; Bernard Ducret, secretário-geral da Pax Romana; prof. Belard da Fonseca, director do Instituto Superior Técnico; Maria de Lurdes Pintassilgo e Aderito Nunes, presidentes da comissão executiva do Congresso; Paulo Marques e Maria Nunes da Silva, secretários; e rev. dr. Mauricio dos Santos, assistente-geral da J. U. C.

Aberta a sessão, pronunciou algumas palavras o estudante Aderito Nunes, para dizer que os jucistas não haviam estado sós e que nos trabalhos haviam participado delegações e representantes dos estudantes universitários espanhóis, franceses e paraguaios, assim como o secretário-geral da Pax Romana. Endereçou á essas camaradas as melhores saudações.

O sr. Bernard Ducret agradeceu a Portugal e á J. U. C. o acolhimento caloroso feito aos confrades dos países que vieram colaborar nos trabalhos do Congresso. Mais: agradeceu também o exemplo significativo de colaboração patente entre mestres e estudantes católicos portugueses. Isso maravilhou os delegados estrangeiros, em cujo nome falava. Ficou entusiasmado com o que se dissera, com os problemas versados, com as ideias expostas. Havia, servico, uma obra em marcha, um movimento reconfortante.

Depois, o orador fez largas considerações sobre os problemas afins aos estudantes católicos de varios países. Terminou por se regozijar com a elevação com que os trabalhos haviam decorrido e pediu aos jucistas portugueses que prosseguissem na cruzada de servir a Igreja e a Universidade.

Seguiu-se no uso da palavra a estudante Maria de Lurdes Pintassilgo, presidente da comissão executiva do Congresso. Após recordar os dois annos de trabalhos preparatórios e verificar o êxito do Congresso, ofereceu a Deus a alegria da hora em que os estudantes católicos se encontravam juntos. Todos haviam dado á reunião o melhor do seu esforço honesto — e por isso ella resultara verdadeiramente universitária. Os escores deram-se conta da força que possuíam, pela graça de Deus, pelo auxilio e conselho do Episcopado, pela simpatia dos professores. A oradora confessou-se, em nome do Congresso, grata á Imprensa e á Rádio. Nas reuniões — recordou — fizera-se a critica da vida universitária, de maneira leal e deassomburada, com o movimento de que eram a mole real, atingiram a plenitude de pensamento. Tinham cumprido as bases do Congresso, e ultrapassaram-se, por assim dizer, na organização, de que resultaram jornadas magnificas.

—Essas jornadas — ponderou — hão-de ficar na nossa vida como exemplo, a exigir dignidade, confiança e acção persistente em defesa das ideias

despendidas. Não podemos ficar na contemplação comoda do que se fez. O congresso não marca o fecho dos trabalhos, mas o principio. Vamos agora começar; temos muito que fazer e a realizar. Levamos daqui a insatisfação, delineamos, apenas, a reunião serviu para revelar insuficiencias; consequentemente, não podemos ficar á espera de soluções para a crise da Universidade, que é, afinal, uma escola de técnicos de valor humano muito discutivel. Afirmamos que a instituição só é viavel em regime corporativista. E proclamamos que a Universidade com a ausencia de Deus não é uma verdadeira Universidade.

A presidente da comissão executiva do congresso fez outras considerações sobre a missão do estudante catolico, e afirmou que este deve rejeitar toda a transigencia no estudo e todas as facilidades. O que queriam e solicitavam era uma Universidade nova, mas aceitavam ajudar a construção dessa escola.

Declarou a finalizar, que os universitários «estiveram presentes» e «serviram a Igreja», convencidos de cumprir o dever a que se obrigaram.

As principais conclusões a que chegou o Congresso

Procedendo-se, depois, a leitura das conclusões do Congresso, foram todas aprovadas com aclamações. Transcrevemos as principais: A Universidade é uma instituição dedicada á preparação de futuros dirigentes da vida social, bem como á conservação, aprofundamento e irradiação do saber. Competem-lhe as seguintes finalidades:

Desenvolver a personalidade intelectual dos estudantes, no sentido da responsabilidade em relação simultaneamente a si proprios, aos outros e a Deus; fornecer aos jovens que hão-de conduzir a sociedade os fundamentos de uma cultura superior, que lhes abra o espirito ao desejo da vida e do espirito ordenado e unitario do Universo; criar uma mentalidade científica, apoiada em solidos hábitos de reflexão critica e de trabalho; preparar, quer no plano tecnico, quer no plano deontologico, os seus alunos para o exercicio de uma profissão.

A Universidade incumbem ainda a missão de orientar superiormente a vida da sociedade humana, promovendo o seu progresso e a sua evolução pacifica, dentro de cada Nação e no ambito mais largo da comunidade internacional.

A Universidade tem caracter nitidamente institucional, constituída como é pela comunidade de professores e alunos, existentes em vista de fins comuns, detentora de autoridade e servida por orgaos incumbidos do seu exercicio. Realizará tanto mais completamente a pluralidade dos seus fins, quanto mais intensa for a sua vida institucional e apertados os laços entre as Faculdades que a compõem, e quanto melhor nela se integrarem todas as actividades e organizações de mestres e alunos tendentes a assegurar o cumprimento da sua missão formativa e de irradiação cultural.

Condição indispensavel de fecunda vida institucional da Universidade é a sua autonomia, que deve ir tão longe quanto o consentirem as exigencias do bem-comum nacional.

A Universidade só poderá cumprir os fins que se lhe atribuem e desempenhar as suas responsabilidades que se lhe reconhecem, na medida em que respeitar o conceito integral da vida humana, na sua dupla dimensão temporal e eterna.

As relações entre a Universidade e a Igreja devem favorecer-se o melhor e o mais rapidamente possivel, em virtude das beneficas consequencias mutuas que daí resultam. A Igreja tem o direito proprio e inviolavel de ensinar, não só materias religiosas, mas todas as materias da cultura. Em consequencia, assiste-lhe a liberdade de fundar e manter escolas proprias, inclusive universitarias, ainda que para o ensino de ciencias puramente profanas. Não obstante a existencia de escolas superiores proprias da Igreja, esta não pode desinteressar-se lamais da formação religiosa e moral dos estudantes que frequentam a Universidade laica, o que torna indispensavel a sua presença educativa em toda a vida da instituição universitária.

A Universidade Católica, apta como nenhuma outra a realizar a síntese de todos os objectos do saber, é uma necessidade instante dos nossos tempos e do nosso país.

Seguiu-se a leitura dos votos emitidos — trinta e quatro ao todo. Constituíam, em pormenor, o desenvolvimento das conclusões atrás enunciadas.

Como resolução final, ficou estabelecido que, a partir dos principios gerais, orientações e votos anteriormente expressos, bem como de todos os trabalhos do Congresso, as direcções gerais da J. U. C. e da J. U. C. F. devem elaborar, no mais breve espaço de tempo, as bases cristãs de uma Universidade nova, a apresentar ao Governo da Nação e ás autoridades escolares.

Ao encerrar a reunião, o sr. Cardeal Patriarca regozijou-se pelo êxito dos trabalhos

Terminada a leitura das conclusões e votos, usou da palavra o sr. Cardeal Patriarca, considerou que o Congresso abrisse magnificamente e fechava gloriosamente. Podia considerar-se um acontecimento nacional. Por isso, abençoava os jovens que trouxeram tal alegria á terra portuguesa. Haviam-se reunido professores e alunos, para tratar de assuntos universitarios, á luz cristã — prenuncio de nova e proveitosa actividade. Assim — proseguia — experimentara-se a cooperação de mestres e estudantes. E notara-se a grande, a demorada ausencia de Cristo na instituição, de que resultava a Universidade não conhecer o que importava ao homem saber — exactamente para ser homem. O prelado, depois, formulou as seguintes perguntas:

—O que somos, de onde vimos, para onde vamos? Todo o sentido da nossa vida depende das respostas. Os nossos jovens universitarios conhecem-nas e deram-nas. Em toda a parte onde morreu Deus também morreu o homem, e nessas paragens surgiram legiões de escravos com factos incandescentes com que começaram a atear o fogo ao mundo.

Depois de tecer um hino de louvores á Igreja, formadora de almas e da cidade adulta triunfante do combate da vida sobre a morte, o antistite fez o elogio das virtudes dos jucistas, acolhedores do Redentor na divulgação do Bem. E exclamou:

—Queridos universitarios: importa que vós leveis, não um Cristo embalsamado, sem convicção, sem drama, mas sim vivo, vivo em vós, iluminando a vossa intelligencia, brotando calor no vosso coração e no fulgor da vossa fé. Não o deixeis roubar á Igreja.

O prelado narrou a história dum rapaz do fim do seculo passado, tão estudioso, tão intelligente, tão bom e obediente filho, que o pai, sem querer, quando o rapaz entrava no seu gabinete se levantava. E disse, a propósito e a terminar:

—Senhores professores, senhores arcebispos e bispos, senhores e senhoras: levantemo-nos todos, para aclamar estes bravos, estes briosos rapazes e raparigas catolicos!

E todos se argueram para ovacionar os estudantes. Estes, por sua vez, também se puseram de pé, para tributarem a maior salva de palmas do Congresso ao venerando Cardeal Patriarca de Lisboa, aos prelados e mestres.

Depois e por ultimo, todos cantaram em unisono o hino da Accção Católica.

BREVEMENTE

Studio
REVISTA DE CINEMA

EM TODO O PAIS 2\$00
Editorial Cinematografica, Ld.